Uma viagem às Flores

Ana Valadares

Casa da Amendoeira, Sargaçal, 8600-316 Lagos, Portugal; email: ana.valadares@gmail.com;
https://orcid.org/0000-0001-6970-7301

Tenho ligações aos Açores. A família do meu pai era açoriana e vivi na ilha Terceira até aos oito anos. Gosto muito das ilhas, embora ainda não conheça todas.

Tinha decidido que a minha próxima visita aos Açores seria à ilha das Flores, de que tantas pessoas me falavam como sendo a mais bonita do arquipélago. A viagem foi programada para decorrer entre 8 e 14 de julho, na companhia do meu marido, irmão e cunhada.

As Flores corresponderam plenamente às expectativas. É uma ilha lindíssima, de um verde luxuriante, com inúmeras cascatas, lagoas e escarpas cobertas de vegetação. Os trilhos permitem explorar a ilha a pé, sempre rodeados de paisagens impressionantes, onde a água e o verde parecem estar presentes em todo o lado (Fig. 1).



Figura 1. Ribeira Grande na ilha das Flores
(Fotografia: © João Sequeira)

No entanto, as Flores também têm fama de ser uma ilha de difícil acesso devido às condições meteorológicas, especialmente durante o inverno. Embora a viagem tenha decorrido em julho, o tempo acabou por influenciar significativamente os nossos planos.

A viagem de Lisboa às Flores demorou cerca de 36 horas mais do que o previsto. Depois de partir de Lisboa com escala em Ponta Delgada, o avião chegou a sobrevoar a ilha das Flores durante cerca de uma hora, sem conseguir aterrar devido às condições meteorológicas, acabando por regressar a São Miguel. Seguiram-se atrasos e cancelamentos de voos, que nos obrigaram a passar uma noite nessa ilha.

Foi uma verdadeira festa de despachar bagagem e recolher bagagem, à medida que os voos eram alterados ou cancelados.

O resultado foi a perda de quase dois dias da nossa estadia nas Flores. O regresso foi menos atribulado, mas também não escapámos a atrasos e a um cancelamento. Ir às Flores não é fácil!

Quando planeei a viagem, pensei imediatamente em realizar várias sessões de armadilhagem de borboletas noturnas, idealmente uma em cada noite da estadia. Surgiu então um problema: que armadilha levar? Precisava de ser leve, ocupar pouco espaço e caber numa mala de cabine.

Foi então que me lembrei de uma sugestão antiga de Helder Cardoso, um verdadeiro engenhocas, que me tinha oferecido um balde retrátil e um colar isabelino para cães, sugerindo que poderiam vir a ser utilizados na construção de uma armadilha portátil. Na altura, a ideia não me pareceu muito promissora, mas, perante as limitações impostas pela viagem, resolvi experimentar.

Com a ajuda de algumas braçadeiras, fitas LED alimentadas por um powerbank e outros materiais simples, construí uma armadilha que acabou por cumprir eficazmente o seu objetivo (Fig. 2).

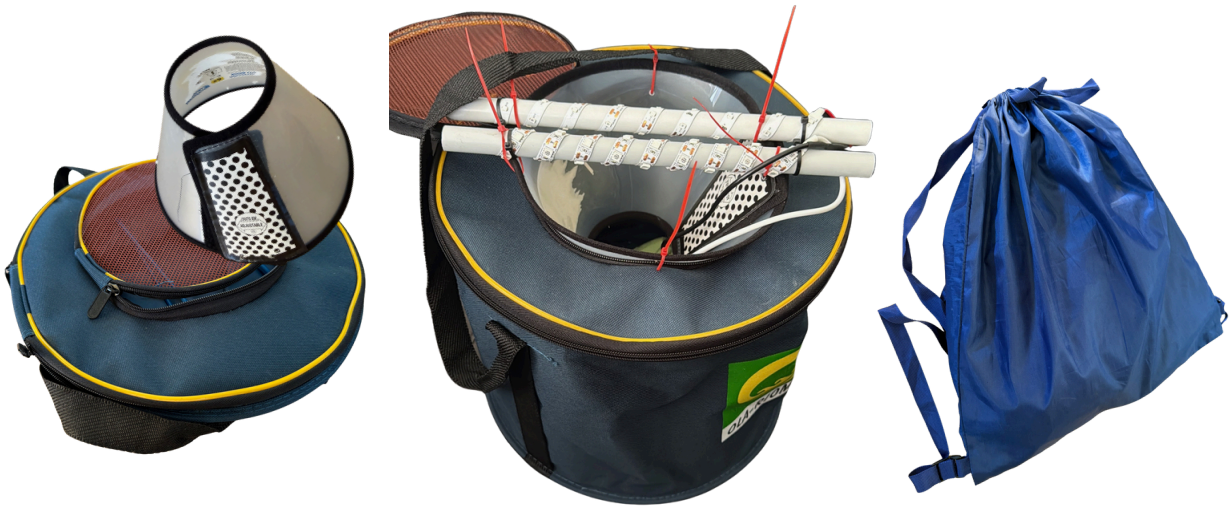

Figura 2. Balde retrátil, colar isabelino, armadilha montada e saco com todo o material (Fotografia: © Ana Valadares)

Infelizmente, a chuva persistente dos primeiros dias deitou por terra os planos de realizar várias sessões de armadilhagem. Só na última noite que passámos na ilha foi possível utilizar a armadilha.

Ficámos alojados na Fajã Grande, numa pequena casa com vista para o mar e para as escarpas cobertas de vegetação, de onde caem inúmeras cascatas. A paisagem é de tal forma impressionante que, por vezes, parece saída de um livro de histórias (Fig.3).



Figura 3. Fajã Grande nas Flores
(Fotografia: © João Sequeira)

Como um dos meus principais objetivos era realizar armadilhagem luminosa, procurei nas imediações um local sem luz artificial, com vegetação abundante e suficientemente acessível. Acabei por encontrar um local que reunia essas condições a cerca de dois quilómetros do alojamento.

A armadilha foi instalada nesse local na tarde de 13 de julho. Como a partida da ilha estava prevista para a manhã seguinte, tive de me levantar às 5h30 para percorrer os dois quilómetros a pé e recolher o equipamento antes de seguirmos para o aeroporto. Felizmente, a armadilha era suficientemente leve para ser transportada sem grande esforço, mesmo a essa hora da manhã.

Quando abri o balde, algumas borboletas fugiram antes de as conseguir registar, mas ainda ficaram algumas. Vá lá!

Apesar de ter conseguido realizar apenas uma sessão de armadilhagem durante toda a estadia, foi possível registar nove espécies: *Epiphyas postvittana* (4 indivíduos), *Gymnoscelis rufifasciata* (3), *Noctua carvalhoi* (4), *Noctua pronuba* (1), *Orthonama obstipata* (1), *Palpita vitrealis* (2), *Peridroma saucia* (1), *Thysanoplusia orichalcea* (1) e *Xestia c-nigrum* (2).

Destes registos, fiquei particularmente satisfeita por observar quatro exemplares de *Noctua carvalhoi* (Fig. 4), uma espécie endémica dos Açores que já tinha observado anteriormente na ilha de São Jorge.



Figura 4. Dois dos quatro exemplares de *Noctua Carvalhoi* observados
(Fotografia: © Ana Valadares)

Durante uma visita ao Poço da Ribeira do Ferreiro, um dos locais mais emblemáticos da ilha (Fig. 5), encontrei uma lagarta de Geometridae (Fig. 6) sobre *Laurus azorica* (Fig. 7). Como não consegui identificá-la no local, decidi tentar criá-la.



Figura 5. Poço da Ribeira do Ferreiro nas Flores
(Fotografia: © João Sequeira)



Figura 6. *Laurus azorica*
(Fotografia: © Ana Valadares)



Figura 7. Larva coletada em *Laurus azorica*
*(*Fotografia: © Ana Valadares)

Colhi vários ramos da planta hospedeira, acondicionei-os cuidadosamente para a viagem e regressei ao continente com a intenção de acompanhar o seu desenvolvimento. Só mais tarde me apercebi de que tinha trazido a lagarta, mas deixado as folhas nos Açores.

O que havia eu de lhe dar para comer?

Sem folhas de *Laurus azorica* disponíveis, tentei substituí-las por folhas de louro (*Laurus nobilis*), que a lagarta aceitou surpreendentemente bem, completando o seu desenvolvimento até à fase de pupa.

Ainda aguardo a emergência do adulto, mas as observações efetuadas durante a criação e a comparação com a informação disponível levam-me a suspeitar que possa tratar-se de *Ascotis fortunata azorica*, uma subespécie endémica dos Açores.

Apesar de todos os contratempos e de ter conseguido realizar apenas uma sessão de armadilhagem, a visita às Flores deixou-me com vontade de regressar, não só para continuar a explorar a fauna de Lepidoptera da ilha, mas também para voltar a desfrutar da beleza das paisagens e da tranquilidade que ali se encontra.

Algumas viagens terminam quando regressamos a casa. Esta ficou apenas adiada.